

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DE MODO INTENSIFICADO AUXILIANDO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

Crislane Vicente da Silva
Gleiciane Batista da Silva¹
Gisele Ferreira Amorim²
Susane Martins de Castro³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da contação de histórias de modo intensificado, de forma a perceber como essa ação auxilia no desenvolvimento integral da criança. Essa contação pautada na intensificação possibilita discutir questões pertinentes ao desenvolvimento da criança, destacando, para tanto, a oralidade, escrita, noções básicas de matemática, e da coordenação motora, fortalecendo a sociabilidade, tendo por base histórias adequadas para atender as realidades dos alunos. Este trabalho foi construído com base na observação, pesquisa de campo, e diário de campo para melhor aproveitamento das informações coletadas. Os teóricos que subsidiaram a discussão foram: Coelho (1999), Gillig (1999), Garcia (2003), Abramovich (1997, 2006), Villardi (1997).

Palavras-chave: Contação de Histórias. Desenvolvimento Integral. Crianças.

1 INTRODUÇÃO

A princípio, até a década de 1980 as instituições direcionadas a educação infantil, possuíam apenas a responsabilidade de “cuidar” das crianças, dispensando os interesses educacionais que tivessem caráter formativo, sendo assim a partir de tal reconhecimento, a responsabilidade de educar a criança em todos os sentidos, sobrecarregou-se para essas instituições. A nosso ver, por se tratar de uma parcela da sociedade, a criança ao adentrar o centro de educação infantil deve ser potencializada em todas as suas inteligências, fazendo parte desse arsenal de habilidades a de introduzir a linguagem oral e escrita, para tanto, destacamos como aprendizagens necessárias, o saber escrever o nome, reconhecer o alfabeto, ter noções de quantidade, tamanhos, coordenação motora dentre outras habilidades.

¹Graduandas do 8º semestre do curso de pedagogia na Universidade do Estado da Bahia- UNEB campus XVII Bom Jesus da Lapa.

²Especialização em Educação Especial e Inclusão Social, FACEI, Graduada em Letras e Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora da UNEB-Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA-

³Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Especialista em Educação à Distância, Graduada em Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora Substituta na UNEB - Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA- BA.

De acordo o Art. 29 na LDB de 9.394/96 “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, afetivo, linguístico e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Sendo assim é dever de todos e não somente da escola e do professor, uma educação de qualidade para essa primeira etapa da educação básica, sendo imprescindível a escolha de uma opção metodológica que atenda a necessidade de aprendizagem de cada criança.

O Centro de Educação Infantil (CEI) Gabriela Rodrigues Pimenta situado na Praça Central, S/N – Centro, na cidade de Serra do Ramalho, foi o lócus escolhido para a Pesquisa em Estágio II: Educação infantil. A mesma conta com um terreno amplo e uma estrutura mediana recém-reformada, contendo: Um pátio pequeno, oito salas de aula, em sua maioria com o espaço adequado, um refeitório, a sala de direção, um banheiro para os funcionários e dois banheiros para os alunos, sendo eles adaptados com tamanhos e espaços diferentes, possibilitando o acesso aos alunos que possuem algum tipo de necessidade especial. O espaço não possui sala de professores, brinquedoteca ou biblioteca fixa, tendo em cada sala uma biblioteca móvel, o CEI possui 153 alunos matriculados, distribuídos nos turnos matutino com atividades que acontecem das 07:30 às 11:30 e vespertino das 13:30 às 17:30, os alunos têm a faixa etária de 3 e meio a 6 anos.

Ao adentrar a sala de aula para observação no jardim I do centro educacional em questão, pudemos acompanhar as diversas atividades e metodologias apresentadas pela professora para os alunos que tem entre três anos e meio e quatro anos. Diante de tais observações a escolha do tema partiu de uma provocação ao perceber que a professora faz uso contínuo da contação de histórias como recurso metodológico, normalmente no início da aula para dar embasamento ao conteúdo que vai ser trabalhado durante a aula. Compreendendo a eficácia de tal método, a presente proposta é de pensar esse recurso de forma intensificada, realizando no período da regência atividades que envolvam a contação de histórias e suas diversas possibilidades ao realizar trabalhos didático-pedagógicos dentro da sala de aula, que contribua no desenvolvimento da oralidade, da escrita, noções básicas de matemática, e da coordenação motora, fortalecendo a sociabilidade entre os mesmos. Desta maneira a questão que norteia esse projeto se dá em como a intensificação de histórias contribui para o desenvolvimento das crianças no centro de educação. E tem como objetivo geral: Compreender de que modo à intensificação desse método auxilia no desenvolvimento de outras atividades a partir das histórias.

2 O DESAFIO DO PROFESSOR AO ARTICULAR AS HISTÓRIAS SELECIONADAS COM A REALIDADE DOS ALUNOS.

Ser educador, além de ser uma tarefa difícil, é preciso saber lidar com os desafios constantes que rodeiam sua prática, um deles é saber o que fazer diante de situações como relacionar desde a escolha da história a ser trabalhada para que esta contemple as realidades de seus alunos, sem valorizar ou reproduzir o capital cultural de parcela das crianças.

O professor deve entender que sua prática deve estar muito além de seguir currículos. Existe a necessidade de adequar os conteúdos a necessidade das crianças para alcançar os resultados esperados, e esses resultados não acontecem se não fizer relação com a realidade em que as crianças estão inseridas sem tirar delas a oportunidade de refletir sobre outras realidades, distantes das crianças. A escolha deve partir de interesses pedagógicos intencionais, para despertar nos mesmos o interesse e, por conseguinte a contribuição para esse processo que é o desenvolvimento integral da criança. Como coloca GILLIG:

Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais. (GILLIG, 1999, p.21).

Percebe-se na colocação do autor que a empolgação, e o divertimento devem começar pelo professor desde a escolha e a leitura da história, assim será possível a interpretação da história bem como estabelecer a intenção que deseja utilizar com as crianças.

Os gêneros ligados a cada uma dessas práticas são um termo de referência intermediário para a aprendizagem, uma “megaferramenta” que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e constitui uma referência para os aprendizes. (SCHNEUWLY, 1994, p.154).

Para Schneuwly, os gêneros textuais possibilitam uma melhor articulação entre as práticas sociais e os objetivos escolares, isto é, a escolha da história que vai ser trabalhada com as crianças deve auxiliar na promoção e inserção com meio social, articulando, para tanto atividades que envolvam as mesmas apresentando relação entre a diversidade de sujeitos. O intuito é de aproximar contextos diferenciados de vida, formando identidades.

Estudos da psicologia demonstram que crianças até os sete anos conseguem ficar sem se dispersar de uma atividade por apenas 10 minutos, a partir dessa idade o tempo normal é de 20 minutos. Com esse desafio, e levando em consideração que as crianças são de 3 a 4 anos, fazer uso de histórias que representem elementos do dia-a-dia é uma estratégia não só para

compreensão das atividades propostas como também para prender a atenção das crianças por mais tempo.

Vivemos tempos em que a tecnologia e a mídia estão cada vez mais acessíveis às crianças. Pela facilidade de acesso, jogo de luzes e riqueza de recursos à disposição das crianças, promover a linguagem oral e escrita nas salas de aula da Educação Infantil tem sido um dos muitos desafios a ser vencido. Tendo em vista que os meios de comunicação fazem parte do cotidiano das mesmas, o professor tem que fazer essa articulação para que as histórias não sejam deixadas de lado e as crianças acabem perdendo o gosto por esse universo. Coelho afirma que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la.” (COELHO, 2001, p. 31).

A contação de história como um recurso da prática pedagógica além de encantar, emocionar, despertar a sensibilidade tem o objetivo trabalhar os valores humanos essenciais, sendo, portanto um excelente recurso pedagógico a ser usado para o desenvolvimento cognitivo, físico, motor, e afetivo-emocional das crianças em uma idade que fantasia e imaginação se confundem com vida real, possibilitando, para tanto, uma infância saudável que contribua para formação da personalidade.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DAS CRIANÇAS.

Entre os séculos XVII e o XVIII, a criança era considerada como pequenos adultos, portanto eram tratadas e tinham as mesmas responsabilidades que tais, só depois da reestruturação familiar é que a criança foi reconhecida como sujeito diferente do adulto e conseqüentemente com atribuições diferentes. Como sinaliza Philippe Ariès (1981):

A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança, então, mal adquiria um desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (...). (p.10).

No século XVIII, com a necessidade de mudança sobre a mentalidade cognitiva da criança foi que a literatura infantil surgiu com ampla importância no âmbito escolar. Compreende-se que a criança aprende brincando, e que o imaginário faz parte desse processo. O conto, ou seja, as histórias dão à criança a possibilidade de articular as suas potencialidades e contribuir de forma significativa para seu desenvolvimento.

Digamos que o conto poderia ser para a criança um objeto transicional que lhe permitisse passar do mundo da onipotência imaginária àquele da experiência cultural, e em que o prazer e o desejo pudessem encontrar sua fonte de renovação. (GILLIG. 1999, p.19).

Como podemos perceber a importância de se trabalhar a contação de histórias é tamanha, pois cada história com sua peculiaridade possibilita metodologias como encenação de um conto, que além de incitar a imaginação desenvolve a oralidade das crianças e o trabalho em grupo. É através dela que se abrem as portas da imaginação, além de ser a ligação entre o fictício e o real.

A possibilidade de fazer essa transição do mundo real com o imaginário permite a criança à condição de compreender a partir das histórias, já que elas são transmissoras de informação ao mesmo tempo em que permeia as emoções. Ela tem esse papel significativo no processo de desenvolvimento, contribuindo com o senso de justiça social, a tolerância, os valores morais e éticos, bem como criar novos rumos a depender da realidade de cada criança.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Deve-se ter consciência que ao contar a história, está despertando automaticamente o imaginário infantil, e o uso desse recurso auxilia não só a imaginação, como o gosto pela leitura, e se tratando de crianças de 3 a 4 anos, a leitura que é feita primordialmente é a das imagens. A conjuntura desses elementos proporciona o desenvolvimento integral do consciente e subconsciente da criança.

Sendo assim, a utilização desse recurso pedagógico em sala, faz com que as contribuições sejam mutuas, acontecendo desde o aluno que será motivado a imaginar, criar e associar, até o professor, que terá resultados satisfatórios e produtivos, alcançando assim os objetivos pretendidos. Com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece. (VILLARDI, 1997, p. 2).

4 ATIVIDADES DE ENRIQUECIMENTO QUE PODERÃO PARTIR DA HISTÓRIA NARRADA.

A arte de contar histórias atravessa gerações, elas podem ser lidas, contadas ou encenadas. De acordo com Garcia (2003, p. 10):

Era uma vez... tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavrinhas mágicas que o encanto acontece, e nós, adultos e crianças, como que hipnotizadas, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por que isso acontece? Porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas [...].

Concordando com essa afirmação, Coelho coloca que a história tem o poder de aquietar, informar, socializar e educar.

A proposta de uso de histórias infantis traz importantes contribuições no desenvolvimento integral da criança, nesse sentido, as práticas diárias necessitam ser permeado de atividades que dão embasamento ao professor. O uso de recursos correspondentes a cada história é de grande importância, pois, ajudam a dar mais veracidade e elementos aos personagens. Dessa forma, atividades como, história cantada, permitem trabalhar a música como meio de expressão de ideias e sentimentos, que desde cedo possibilitam agregar valor significativo na vida da criança, além de sensações e vivências com experiência musical que desenvolve capacidades muito importantes no crescimento das mesmas. De acordo com Caldin (2002, p.31) “a oralidade e a escrita convivem lado a lado no lar, na escola e no lazer. Assim, ‘contação’ e leitura complementam-se para estimular o gosto literário”.

A pesquisa realizada possibilitou compreender que o uso da linguagem teatral contribui no desenvolvimento da criança, por apresentar a possibilidade de despertar e expor emoções, fazendo com que crianças tímidas tenha contato com as demais e com o público, permitindo autonomia, além disso, o uso de regras, noção de espaços, trabalho em equipe, sociabilidade, bem como desenvolver suas expressões, capacidade de observar, coordenação motora e oralidade.

A história desenhada, pintada ou montada pelas próprias crianças, trabalha a autonomia, o expressar da realidade no papel, já que durante essa “criação” as crianças tem total liberdade de se expressarem através da arte sem seguir regras ou modelos.

E, a história contada, que a criança ouve ao mesmo tempo em que acompanha com suas emoções, e expressões além do uso da imaginação. Segundo Brito (2003):

Narrando a história com voz clara e limpa, valorizando cada parte por meio de mudanças de entonação: usando a voz em seu registro mais grave ou mais agudo, dependendo da situação, com maior ou menor intensidade, variando a velocidade da narrativa ou das palavras etc. Esses aspectos enriquecem a interpretação e chamam a atenção dos bebês e crianças para a diversidade

sonora e expressiva, assim como para a riqueza de possibilidades de exploração a voz. (BRITO, 2003, p, 162)

Pode-se afirmar que o ato de contar de histórias na sala de aula, possibilita inúmeras possibilidades ao professor ou quem esteja a narrar, pois, a história tende a chamar a atenção da criança, bem como que permaneça na memória delas.

5 VIVÊNCIAS

O desenvolvimento do projeto desenvolvido por meio da contação de histórias possibilitou a percepção das contribuições que o intensificar das histórias apresentaram no desenvolvimento integral das crianças. Neste sentido, o estágio de observação foi decisivo na escolha da temática que orientaria nossas ações no estágio, com vistas na pesquisa-ação.

Demos início ao nosso estágio em regência com a apresentação do projeto. Percebemos que durante o mesmo a interação entre as crianças aconteceu diariamente, melhorando o relacionamento entre as mesmas, bem como o comportamento, e a aquisição de regras. É importante salientar que as crianças participaram de todas as etapas do projeto, neste sentido, iniciamos nosso estágio com a escolha da primeira história, apresentamos um repertório de histórias, que a nosso ver contemplavam as necessidades dos alunos, relacionadas às suas múltiplas realidades para que pudessem escolher por onde começaríamos. Iniciamos assim com a leitura do livro: “o menino de todas as cores”, por ser uma obra que trabalha a igualdade racial, conversamos sobre a organização e composição da turma e com isso pudemos despertar para as diferenças existentes entre as crianças ouvindo-os dizer como eram seus corpos, suas cores diferentes, despertando o respeito pelos colegas. Discutimos sobre a importância desde ouvir quando o outro estava falando, e/ou no decorrer das apresentações onde a história era encenada por eles mesmos.

Chamou a nossa atenção o fato de que durante as aulas já não assistíamos mais as cenas corriqueiras do dia-a-dia da escola, onde cenas constantes das crianças, ao estarem todas brincando e virem até nós eufóricos e com semblante inconformado: “Tia, tia o coleguinha disse que não quer ser meu amigo.”. Pudemos perceber que as mensagens subliminares das histórias reforçavam a todo o momento o dever de sermos amigos: dos animais, das plantas, dos colegas.

No decorrer do estágio pudemos desfrutar das conquistas advindas do projeto: A leitura, a oralidade, a expressão corporal, dentre outras linguagens utilizadas possibilitou interação entre todas as crianças, pois a mesma auxiliava na participação conjunta de todos.

Diariamente percebíamos que o interesse em participar das histórias crescia entre as crianças. A cada história contada tínhamos o cuidado em revezar os papéis principais garantindo que todos participassem.

Importante se faz elucidar que é na Educação Infantil o momento certo para despertar a imaginação, ativando a memória, potencializando os sentidos e compreendendo os significados, ao que as crianças ouvirem ou virem, reproduzindo fatos da maneira que fantasia e conhecimento de mundo possam ser vividos nas salas de aula da Educação Infantil.

Os ganhos percebidos na Pesquisa e Estágio II: Educações infantis puderam ser confirmados tanto no período de regência como no período de observação, vindo a contribuição no desenvolvimento integral das crianças atendidas.

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 2003, p. 41).

As atividades realizadas nos possibilitaram perceber o envolvimento das crianças, desde o sentar para ouvir as histórias, observando as expressões faciais e corporais durante a narração das histórias recontadas por eles, até no momento de diálogo a respeito de qual entendimento tiveram da história contada, onde empolgados, começavam a falar sobre o assunto, dando exemplos vivenciados por eles mesmos, contando um fato que levava a outro.

Percebemos as transformações nos seus rostos, intercalando entre alegria, tristeza, surpresa, espanto, medo, dor. É notório o fato de que ao narrarem suas histórias, conseguiam fazer com que captássemos as informações, expressões e sentimentos, fazendo com que os ouvintes compreendessem o que estava se passando.

Outra experiência interessante de ser compartilhada diz respeito à atividade promovida no dia da árvore, onde, aproveitando a temática da semana do meio ambiente, para dar início a um diálogo bastante interessante, sobre o que cada um ali entendia sobre meio ambiente, e quais os cuidados que tinham para preservá-lo. As respostas obtidas foram as mais diversas, mais, a participação que mais chamou atenção foi a de Joseane, 4 anos: “Eu cuido do meio ambiente, cuidando dos animais, não jogando lixo na rua, por que quando faz isso vai para o rio e os peixes comem e morrem, e as pessoas ficam doentes”. No mesmo dia em questão, foi plantada uma árvore no quintal da CEI, onde as crianças puderam participar de todo processo. Ao término do plantio pudemos ver os comentários positivos sobre a atividade desenvolvida. No dia seguinte a essa ação, os pais relataram que as crianças não paravam de falar da

experiência de ter plantado uma árvore, “A gente plantou uma árvore na escola com as tias, jogamos a terra, molhamos, e agora vamos cuidar dela”.

De acordo o RCNEI,(1998)

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, freqüentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a idéia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. (RCNEI, 1998, p.144)

Com base nessa afirmação, podemos entender que a contação de histórias é mesmo importante para crianças, aparecendo como ponto inicial capaz de introduzi-las no mundo da leitura, relacionando, para tanto, imagem ao texto, que se faz uma ótima alternativa de apresentar e estimular as crianças à leitura.

Pudemos comprovar mais uma vez a importância em despertar a fantasia, a imaginação quando levamos a história dos dez fantasmas, que possuía as ilustrações, postas em uma maquete. Foi perceptível que ao fazer os questionamentos a respeito da história, as crianças interpretavam perfeitamente através da associação das imagens.

Percebeu-se claramente que, no momento em que a criança passa a ter contato com um texto primeiramente por via oral acrescido do contato visual, ela consegue vivenciar as histórias contadas, cantadas, encenadas etc. De acordo Coelho (2002), o fato de ouvir histórias estimula a criança a adquirir o hábito de leitura por toda sua vida. Nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI – (1998) estabelece que a Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, e tem como objetivo auxiliar o trabalho educativo diário para que a criança tenha um desenvolvimento integral. No que se refere à leitura de histórias o RCNEI (1998), define:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. (BRASIL, 1998, p. 143)

A história, em uma de suas funcionalidades, permite a criança uma ligação fantástica com seu imaginário e suas emoções, inventar, recriar e permitir, são coisas que as crianças fazem com muita facilidade, e que contribuem para sua experiência externa com o mundo, confirmando a ideia de que:

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICK, 1997, P. 37)

O professor quando conta uma história, está fazendo uma ponte entre o leitor e o livro, criando um elo imaginário, contribuindo para aquisição da linguagem, estimulando a observação, facilitando a expressão de idéias e desenvolvendo a capacidade cognitiva de perceber o livro como um instrumento de informação e diversão. Para Coelho (1999), a história não acaba quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora. Além de ser uma atividade lúdica, o ato de contar histórias trabalha a emoção, a socialização, a atenção, ou seja, é uma nova forma de ensinar e de aprender.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos. (TAHAN, 1966, p.16).

Um fato a ser ponderado é a utilização de acessórios que auxiliem na contação de história, pois assim a narrativa se torna mais atraente e enriquecida, podendo transportar a criança para o mundo da imaginação com mais facilidade, permitindo para a criança-ouvinte entrar nesse mundo a qual a história possibilita.

Percebemos que o uso de recursos lúdicos realmente atrai a atenção das crianças. Então, levamos um guarda-chuva literário, onde a história foi contada enquanto os personagens foram colocados em um movimento giratório, o qual permitiu que a atenção das mesmas se voltasse inteiramente para o momento da história. Outro recurso que contribuiu bastante para despertar o interesse das crianças, foi possibilitar a elas participarem da construção dos acessórios que seriam utilizados durante a história, como foi o caso do livro que elas mesmas confeccionaram. Fizeram as ilustrações da história, desenhando e colorindo, em seguida colocaram uma legenda que representaria o desenho. Foi emocionante ver a

alegria nos olhinhos das crianças no momento de partilhar o que havia sido produzido por elas. As histórias foram lidas, apresentando as ilustrações: “Olha o meu ai tia”, vibrantes com a produção autônoma.

Se mergulhar nesse universo é fascinante para nós, adultos, que nos esquecemos de nos inebriar com a magia, quem dirá a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar uma história para elas estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico. (BUSATTO,2003, p.112)

Percebemos no decorrer das aulas que os alunos, até mesmo aqueles que são tímidos ou mais acanhados se propuseram a contar histórias, onde mostraram sua desenvoltura ao falar em público e também nos surpreenderam com algumas atitudes espontâneas ao contar e ao comunicar-se com os outros alunos. Em alguns momentos visualizamos crianças contando histórias que já tinham ouvido, seja na escola, na televisão ou que os pais haviam contado para eles, era nítido o destaque que os alunos tiveram ao decorrer das aulas propostas, pois muitos puderam mostrar suas habilidades de maneira espontânea, já que são livres para mostrar toda sua criatividade e imaginação quando se lê uma história.

Para Vygotsky, (1999):

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizado, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (VYGOTSKY, 1999 p.117-118)

No que diz respeito às crianças da Educação infantil, a aprendizagem está ligada a tudo que esta a sua volta, as experiências, o modo de vida que cada um possui, faz parte de um conhecimento de mundo, que auxilia em seu desenvolvimento. A sociabilidade, e o trabalho em grupo são possibilidades que as histórias oferecem, e que trazem grandes contribuições em sua construção.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada na construção desse projeto foi de cunho qualitativo, a qual visa o máximo de exploração na busca pelos dados e informações a serem coletados, conhecendo o objeto de estudo. A observação, os registros realizados no diário de campo, auxiliaram para melhor apreensão das informações a serem coletadas. Através da pesquisa de campo pudemos perceber a realidade do grupo as crianças observadas, influenciando no momento da

intervenção, exigindo “Total envolvimento do pesquisador”, como cita Triviños,(1987, p.120). Aliada a pesquisa de campo faz-se uso constante da observação, a qual auxilia na percepção das particularidades da turma. De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 76) “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”.

Consequentemente o registro de dados fez-se imprescindível no êxito dessa pesquisa, pois permitiu que enquanto pesquisadoras pudéssemos nos ater ao trabalho desenvolvido na etapa de educação infantil, não deixando nenhum fato esquecido, usando, para tanto, o diário de campo para registro das falas importantes, bem como das atividades que foram desenvolvidas durante todo o período de observação e regência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões feitas, da observação e regência do estágio, pudemos de fato entender as contribuições que o uso da contação de história - de modo intensificado – representa no auxílio do desenvolvimento integral das crianças, possibilitando que usássemos uma metodologia que nos permitisse compreender a ampla possibilidade que esse recurso didático proporciona ao professor.

Entende-se que ser professor da educação infantil é um desafio e acarreta responsabilidades, pois o professor é visto como um profissional valioso capaz de conduzir a formação integral da criança. Neste sentido, a contação das histórias nos auxiliou a perceber que o desenvolvimento dos alunos deve acontecer de forma processual e significativa. As discussões apresentadas nesse artigo deixam claro o quanto o uso de histórias no contexto da Educação infantil possibilita aprendizagens significativas às crianças, aguçando a fantasia, a imaginação e potencializando o desenvolvimento afetivo emocional.

Percebemos que o professor que opta por fazer uso constate desse rico recurso consegue estabelecer um diálogo mais próximo com as crianças, pois, possibilita às mesmas um espaço especial e prioritário nas suas aulas, podendo alcançar os resultados esperados. É importante ressaltar que esse uso deve ser feito de forma crítica, e com intenção pedagógica bem delimitada, de forma a contemplar a necessidade dos alunos. Os estudos de Karnal (2017) apontam características de como dar uma boa aula, tendo como primeira lição o cuidado ao adequar a mensagem para o público alvo.

Reconhecendo que na criança a realidade e a fantasia se relacionam, ou seja, para a criança elas são a mesma coisa, foi observado durante todo o processo que as histórias são um

importante recurso para despertar na criança a criatividade, imaginação, fluência e aptidões individuais, os quais foram observados durante as aulas. Sendo assim, acreditamos na continuidade do uso desse recurso pedagógico e no crescimento do nosso olhar como futuras pedagogas, ao utilizar a linguagem oral nas aulas, como também a incentivar na escola onde pretendemos atuar. Independentemente da idade dos alunos acreditamos no auxílio que isso pode proporcionar ao desenvolvimento das suas habilidades de forma progressiva e espontânea, pois as histórias contribuem também na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral e social.

Visto a relevância de tal prática na escola, será importante a continuidade deste estudo com novos enfoques sobre contação de histórias e suas contribuições.

8 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos das narrativas**. 4.ed. Petrópolis: Editora Vozes 20013

COELHO, Bethy. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

GARCIA, W. Et al. **Histórias e oficinas pedagógicas**. 2.ed. Belo Horizonte: Fapi, 2003. (Série Baú do contador de história, v. 5).

KARNAL, Leandro. **Diálogo de culturas**. São Paulo. Contexto, 2017

Referencial curricular nacional para a educação infantil /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

9 SOBRE AS AUTORAS

CRISLANE VICENTE DA SILVA

Graduanda do 8º semestre do curso de pedagogia na Universidade do Estado da Bahia- UNEB campus XVII Bom Jesus da Lapa. Mediadora de língua portuguesa do programa novo mais educação. E-mail: nana_silvavs16@hotmail.com

GLEICIANE BATISTA DA SILVA

Graduanda do 8º semestre do curso de pedagogia na Universidade do Estado da Bahia- UNEB campus XVII Bom Jesus da Lapa. Bolsista na presente instituição desenvolvendo atividades como monitora de ensino do componente curricular PPP I; E-mail: gleicesilva100@hotmail.com

GISELE FERREIRA AMORIM

Especialização em Educação Especial e Inclusão Social, FACEI, Graduada em Letras e Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora da UNEB-Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA- BA; E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

SUSANE MARTINS DE CASTRO

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Especialista em Educação à Distância, Graduada em Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora Substituta na UNEB - Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA- BA; E-mail: susanemartinsc@outlook.com